

Urucum ou *achiote*: matéria tintórea referencia no design europeu

Por Antônio Fernando B. Santos

Não se tem ideia hoje em dia da importância que representou o urucum na manufatura e comércio das sedas lavradas na Europa do século XVII e XVIII. A planta, nativa da costa amazônica, tem o seu nome derivado do tupi, *Uru-ku* (vermelho), e teria sido levada para a Europa pelos portugueses ainda no século XVII, com o nome de Terra Oriana, sendo utilizada como matéria tintórea, principalmente na Espanha, onde era conhecida com o nome de *achiote*. O termo, de origem castelhana, aparece citado na edição de 1726 do Dicionário de Autoridades da Real academia espanhola.

As sementes do urucum estão dispostas longitudinalmente no fruto, recobertas por uma substância oleaginosa. De cheiro marcante e coloração vermelho/tijolo, foi largamente utilizada pelos povos primitivos da América Central e América do Sul para fins variados: como corante para as fibras têxteis e arte plumária, como erva medicinal, como pigmento de superfície para cerâmicas e madeiras, como corante culinário e ainda na pintura corporal para proteção do corpo e variados rituais sagrados.

O corante brasileiro chegava à Europa como *pães* ou *bolos*, embalados em folhas de bananeira e acondicionados em barris de madeira. Segundo relatos, essa mistura apresentava um cheiro forte e bastante desagradável, devido possivelmente à urina que era misturada à pasta com a finalidade de mantê-la úmida. O corante de poder tintóreo de grande intensidade resulta em tons que vão do amarelo dourado ao vermelho tijolo, dependendo da adição de mordentes ou componentes modificadores dos banhos. Estas qualidades resultaram no grande destaque adquirido pelo produto na indústria têxtil europeia a partir do século XVII, sendo amplamente empregado para a tintura das sedas, devido ao precioso tom dourado que resultava sobre a fibra.

Ingrediente citado nos mais importantes tratados de tinturaria do século XVIII, o urucum está presente em um grande número de mesclas e receitas de cores, citado tanto pelos mais renomados tintureiros, como pelos químicos especializados na arte de tingir daquela época. O mais renomado tintureiro espanhol, D. Luis Fernandez, tece vários comentários sobre o corante e em um deles informa que “o *achiote* é um dos materiais de maior consumo e firmeza nesta arte de tingir”, e ao mesmo tempo, o químico francês Pierre Joseph Macquer descreve em seu tratado que “é um corante que proporciona à seda cores muito preciosas e impossíveis de se conseguir a partir de outros corantes amarelos e vermelhos”.

Os preciosos tons dourados e avermelhados resultantes do corante originário da costa amazônica podem, ainda hoje, ser vistos e apreciados nos mais magníficos exemplares da seda lavrada produzida na Espanha e França nos séculos XVII e XVIII, possivelmente representando a primeira referência brasileira no design europeu.